



Fragmentos Picarescos Senna Fernandinos

Contributos Literários para a Captação do Factual da Macau Antiga em *A Trança Feiticeira* e *Amor e Dedinhos de Pé*

CARLOS FILIPE G. FIGUEIREDO*

INTRODUÇÃO

Em “Olha, Marília, as flautas dos pastores”, Bocage demonstra-nos que a compreensão dos íntimos estados de alma do poeta passa também pela observação dos mais ínfimos pormenores da paisagem que o circunda. Assim sendo, uma visão sobre textos literários que se detenha apenas no género em si tornar-se-á redutora, já que, simultaneamente, eles são também documentos que permitem entender questões relacionadas com os contextos social, económico, cultural e político das épocas a que dizem respeito. Neste aspecto, o género picaresco revela uma agudeza

de observação única, facultando acesso aos meandros mais recônditos da História e cultura de um povo, condicionadas pelo decurso da evolução e estampadas no retrato e “aventuras” experienciadas pelos heróis pícaros. Nesta conformidade, para conseguir o desenho dos aspectos factuais, o historiador vê-se confrontado com a necessidade de entretecer um diálogo íntimo com outras áreas do saber, isto é, tem que se tornar não só paleógrafo, filólogo, antiquário, viajante e bibliógrafo mas também leitor atento de textos literários, ou seja, e como bem o afirmou Herculano aquando da elaboração dos seus *Opúsculos*, tem de ser “tudo”.

Enquanto povo, os portugueses possuem um cunho histórico-evolutivo marcado por aspectos individuais, mas que se articulam com os do *alter* à escala mundial, devido, sobretudo, quer ao advento do Iluminismo quer ao gradual expansionismo originado pelas viagens marítimas e consequentes trocas comerciais. O aparecimento das primeiras cartilhas vem mostrar que o avanço nos domínios económico e religioso surge de braço dado com o cultural, incrementando-se o ensino da leitura e o gosto pela escrita, com alguns

* Doutorado em linguística pela Universidade de Macau, em cujo Departamento de Português lecciona. Tem como principal área de investigação a Sociolinguística, com diversos artigos publicados em revistas académicas e científicas. Vice-presidente da ACBLPE (Associação dos Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola)

Lecturer at the Portuguese Department of the University of Macau, where he obtained his Ph.D. in Linguistics. His main research field is in Sociolinguistics, with several articles published in scientific and academic journals. Vice-president of ACBLPE (Association for Portuguese and Spanish Lexically Based Creoles).

Condutor de riquexó com chapéu de bambu e capa de folhas de palmeira como protecção contra a chuva. Fotografia de José Neves Catela (1902-1951). Esta e todas as fotografias de José Neves Catela que ilustram este artigo constam do catálogo da exposição, organizada pelo Museu de Arte de Macau, *Macau: Memórias Reveladas - José Neves Castela* (Macau: Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau/Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais de Macau, 2001).

MACAU: ARTES & LETRAS - I



autores realçando os feitos dos lusitanos e apresentando, na Europa, aquilo que os seus olhos tinham tido oportunidade de visionar nos outros continentes.

Após o seu estabelecimento em Ceuta, os portugueses rapidamente implantaram a sua primeira feitoria na costa ocidental africana, em Arguim. A criação de postos para trocas comerciais e, posteriormente, de colónias, deu o mote para a nascimento de uma Nova România, cujos domínios rapidamente se estenderiam até à Ásia. A política de miscigenação, por seu lado, traduziu-se no emergir de comunidades que utilizavam como língua veicular quer o português quer línguas mistas, os crioulos. E línguas mistas são também sinónimas de culturas mistas. No caso específico de Macau, surgiu o patuá, idioma de base portuguesa, que vai reflectir, nas suas especificidades, a mestiçagem linguístico-cultural do contacto não só entre lusos e asiáticos mas também entre estes e africanos. Mestiçagem linguístico-cultural esta de que nos dão conta diversos escritos, históricos ou literários, de autores “filhos-da-terra”, casos de Leonel Barros (Macau, 1924-2011), José dos Santos Ferreira “Adé”

(Macau, 1919-Hong Kong, 1993) ou Henrique de Senna Fernandes (Macau, 1923-2010).

Concretamente no que diz respeito às obras literárias, algumas configuram-se, indesmentivelmente, como elementos de importância extrema para a reconstituição do histórico, já que é depositada nas personagens reais ou fictícias, sobretudo as que reúnem características pícaras, a responsabilidade de actuarem como autênticos documentos vivos, encarregados de transmitirem às gerações vindouras o retrato vivo do dia-a-dia da época em que se movimentam. E para uma observação deste retrato em Macau, seleccionamos duas das mais relevantes obras de Senna Fernandes, escritas em finais do século passado, ainda no período em que o território se encontrava sob administração portuguesa: *A Trança Feiticeira* (doravante TF), confinada aos anos trinta (TF: 6), e *Amor e Dedinhos de Pé* (doravante ADP), cuja ficção é inspirada numa história antiga que o autor ouvia contar, quando era menino, nos serões em casa da avó (ADP: 5). Nestas, os heróis surgem como peças de xadrez envolvidas nas complexas relações entre as três principais comunidades da Macau dos anos 30, 40 e 50 (a chinesa, a portuguesa e a macaense), que vão determinar os seus momentos de declínio e/ou ascensão. Simultaneamente, tais momentos, impregnados de factual por vezes vivenciado pelo próprio autor, vão conceder, a este, o mote para o desenho de um retrato socio-histórico que deixa transparecer a afeição nutrida pela identidade já ameaçada por ventos de mudança, que vão alterando a fisionomia da nostálgico-bucólica Macau e as características das suas gentes, mas que, ainda assim, à boa maneira picaresca, não deixa de ser parodiado e satirizado de forma magistral:

“Era assim o Cheok Chai Un¹ e assim se conservou, mais ou menos, até aos fins dos anos 50. Quando se principiou o desmantelamento indiscriminado da cidade antiga, também o Cheok Chai Un não escapou. A construção de edifícios de vários andares e de cimento armado destituiu-o das suas características próprias, como aliás aconteceu com outros bairros de Macau, confundindo-se com o resto, numa uniformização dolorosa, monótona e inestética” (TF: 4).

Alterações que não se limitam às cercanias da cidade, invadindo mesmo os seus espaços interiores:

¹“So-tau-po” ou penteadeira chinesa tratando o cabelo de uma cliente. Fotografia de José Neves Catela.



MACAU: ARTES & LETRAS - I

“Aurélio [...] olhou com melancolia para o resto da extensão do antigo jardim,² em cujo terreno se construíra o edifício da escola primária. Onde estavam os lindos canteiros e chafarizes do tempo em que se mudara para a Estrada da Victória? O próprio coreto, hoje silencioso e abandonado, não tardaria a ser derrubado pelo camartelo. Tanta coisa mudara naqueles anos!” (TF: 164).

Quanto às pessoas, também não escapam à mudança, alterando hábitos e comportamentos, que vão desde a transformação visual até ao gradual rompimento com as tradições das gerações mais idosas:

“uma jovem chinesa do povo, [...] se nada de especial marcava o semblante, tinha uma trança comprida de tinta da China, bem atada, os nós grossos artisticamente entrelaçados. Começava a rarear essa forma de penteado, destruída pela guerra e pelos ventos do modernismo. Mas aquela moça exibia-a com orgulho, certa do efeito que produzia, uma das últimas abencerragens da moda. Levantei-me [...] e fui para a minha vida.³ Regressei oito anos depois. [...] Os cabelos das mulheres chinesas, fosse qual fosse a condição, expunham-se ou direitos ou frisados, segundo os penteados ocidentais. Em parte alguma detectei tranças feiticeiras, em meneio ritmado, como serpentes tentadoras” (TF: 179-180).

Ou então:

“Leopoldo [...] desde cedo revelara sinais de rebeldia e incompatibilidade com a vida pacata e familiar. Dizia que nascera fora da época, daquela em que estaria perfeitamente à vontade. E, como já não podia ser lorcheiro heróico, dera em rufião, jogador e arruaceiro” (ADP: 15).

PICARESCO: ACERCA DA ETIMOLOGIA E TIPOS DE PÍCAROS

No que respeita ao termo “pícaro”, não obstante obras como *Corbacho o reprobación del amor mundano* (1438), do Arcipreste de Talavera, *La Celestina* (1499), de Fernando de Rojas, *Propaladia* (1517), de Bartolomé de Torres Naharro, ou *Recopilación en metro del Bachiller* (1554), de Diego Sánchez de Badajoz, apresentarem já heróis que reúnem todas as características para serem apelidados de pícaros, a verdade é que o termo não é mencionado em nenhuma delas. Aliás, também naquela que

é tida como a primeira legítima representante da novela picaresca, *La vida del Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades* (1551), publicada anonimamente devido ao seu conteúdo herege, não se lê o referido vocábulo. Assim, e ao que tudo indica, o vocábulo seria desconhecido até meados do século XVI, referindo De Haan, no seu notável estudo sobre a obra picaresca,⁴ não haver encontrado a palavra antes de 1548. Efectivamente, data de então o primeiro escrito castelhano em que se utiliza o termo com sentido de vagabundagem, vida de nómada pobre e também pessoa ardilosa: *Carta del Bachiller de Arcádia, y respuesta del Capitán Salazar*, de D. Diego Hurtado de Mendoza.

Relativamente à etimologia da palavra, apesar de não haver consenso entre os filólogos, parece bastante razoável a proposta avançada por De Haan,⁵ o qual, com o recurso a imensos textos, demonstra que os *ganapes* (aportuguesado em “ganapão” ou “ganha-pão”, isto é, trabalhador assalariado, pobre e nómada) têm origem nos mouriscos, concluindo que estes deverão ter também determinado o aparecimento dos pícaros. Portanto, o vocábulo radicar-se-á etimologicamente no árabe, aspecto que é reforçado com o facto de o pícaro, por necessidade de sobrevivência, ser obrigado a recorrer aos trabalhos mais indignos, mas consentidos à margem da vida organizada, como seria o de transportar carga aos ombros. De facto, e ainda segundo De Haan, pela Pragmática de 12 de Fevereiro de 1502, estipulada pelos Reis Católicos, todos os mouros com mais de 14 anos e mouras com idade superior a 12 anos acabaram expulsos de Castela e de Leão, o que os levou a procurarem meios de subsistência como moços de fretes e de recados (*esportilleros*), em virtude de não possuírem força para carregar grandes pesos nem capacidades para exercerem outro tipo de profissão. Quanto ao caso de Portugal, não ocorre qualquer discórdia no que diz respeito à importação dos termos castelhanos *pícaro* e *picaresco*, que ocorreu no século XVII, com conotação a picardia e significando malícia, astúcia ou sagacidade.⁶

San Martín,⁷ por seu lado, passa em revista as características essenciais dos pícaros cervantinos, idênticos aos pícaros clássicos de toda a obra picaresca e que, em muitos aspectos, encaixam na perfeição em personagens *senna fernandinas* (por exemplo, Francisco *Chico-Pé-Fêde* e Hipólito *Ovo Estrelado* de

MACAO: ARTS & LETTERS - I

ADP, ou o *Belo Adozindo*, de TF). De entre os treze aspectos listados por San Marin, poder-se-ão destacar quatro:

(i) jovem que anda mal vestido, por vezes com vestes esfarrapadas ou remendadas; pobre, não porque não queira ser rico, mas porque, “*pobreza y picardía salieron de la misma cantera*”⁸:

“*Chico Pé-Fêde* [...] trajava um casaco preto que já fora bom, mas agora, enxovalhado e puído, com buracos, não o protegia das navalhadas do vento” (ADP: 9).

“As sapatilhas de lona – já não tinha sapatos – que tinham sido brancas, mas que agora eram uma mistura de cinzento, castanho e preto, estavam molhadas, por dentro, de um líquido viscoso. [...] Com o lenço imundo, limpou a testa...” (ADP: 11);

(ii) Apátrida ou vagabundo, que faz da deambulação o seu modo de vida:

“Nessa noite e noutras [*Chico-Pé-Fêde*] dormiu ao relento ou por baixo de alpendres de casas adormecidas. Era corrido quando o apanhavam. Encurralado pelo desespero, despiu-se do acanhamento e da timidez de pedinchar. [...] Bateu a várias portas.” (ADP: 106);

(iii) amante do prazer e da folgança, o que lhe concede ânimo e paciência para suportar as adversidades:

“Aos treze anos, [Francisco] denunciou grande tendência para a boémia. [...] Começou a vadiar...” (ADP: 23).

“crescera, ultrapassara a idade escolar [...] estava sempre em todas as pândegas, inevitavelmente nas transversais da Rua da Felicidade, nos bairros do amor, onde se tornou uma figura conhecida. [...] Um dia, por asneira grossa que excedia todas as medidas, forçaram-no a demitir-se. [...] Francisco parecia o menos atingido. Assegurava

Rua do bazar chinês, ca. 1930. Reproduzido de Cecília Jorge e Beltrão Coelho *Álbum Macau* (Macau: Livros do Oriente, 1991).



MACAU: ARTES & LETRAS - I

que para ele era até um alívio [...]. Não estava nada arrependido” (ADP: 25-26);

(iv) descrente relativamente ao amor, já que este pressupõe sempre uma dose de sacrifício, incompatível com o seu egoísmo:

“A preocupação da velha senhora era casar o sobrinho. [...] Francisco mostrava-se avesso a tais sugestões. Ficar preso pelas cadeias do matrimónio era coisa que não lhe entrava nos planos, se é que os tinha” (ADP: 29).

Mas, e ainda segundo San Martin,⁹ existe também relação entre a picaresca e as doutrinas de Séneca, já que a “filosofia picaresca” estará intimamente ligada às escolas clássicas do estoicismo e do cinismo. A interligação entre ambas (Zénon de Cicio, fundador do estoicismo, foi discípulo de Crates, “o Cínico”) constitui, na perfeição, a caracterização de heróis pícaros *senna fernandinos*. De facto, se ao estoicismo associarmos a impassibilidade, também o pícaro é estóico, uma vez que cultiva a paciência e a confiança no destino, não se queixando das suas desventuras:

“Chico não estava em condições de escolher e, portanto, dava-se por feliz. Não obsteu [...] a humilhações. Com o trambolhão que reduzira a nada a sua posição social, não tinha ilusões quanto a sinais de respeito ou de consideração. Não que fosse proposadamente maltratado. Era apenas um indigente, ao nível dos outros indigentes. [...] Gostaria de apagar-se a um canto” (ADP: 101).

Paralelamente, não aceita especulações abstractas e possui sentido moralizador que lhe advém das experiências da vida. Além disso, marca o seu cinismo de modo autónomo e individualista, desprezando as leis do Estado, olhando ao proveito próprio e, despidoradamente, falando e agindo de modo natural. Este aspecto está bem patente no capítulo 12 de *Amor e Dedinhos de Pé*, que relata a forma como *Chico-Pé-Fêde* negocia a filha de um casal chinês indigente com um idoso proprietário de uma loja de vinhos, como remédio para a impotência deste. Consumada a entrega da rapariga ao comerciante, *Chico-Pé-Fêde* recebe uma parca comissão, que logo aplica numa refeição suculenta e na compra de “cigarros de tabaco preto de Manila, coisa que já não provava há muito” (ADP: 86).

Quanto às actividades desempenhadas pelos pícaros, pode ler-se no “Discurso Preliminar” de

Rinconete y Cortadillo...”, elaborado por Marín,¹⁰ a propósito da caracterização da personagem cervantina Pedro de Urdemalas,¹¹ que

“fué hijo de la piedra, niño de la doctrina, grumete de la carrera de Índias, esportillero en la metrópoli andaluza, mandil ó mozo de rufián, mochilero, playero, vendedor de aguardiente y naranjada en Córdoba, suplicacionero ó barquillero, como decimos hoy, mozo de un ciego rezador de oraciones, mozo de mulas, mozo de un tahur fullero, mozo de Labrador y, aun después, farsante”,

ou seja, um autêntico *fura-vidas*:

“As necessidades obrigavam-no a andar [*Chico-Pé-Fêde*]. Fazia recados, distribuía pela cidade circulares de óbitos e doutros acontecimentos, vendia carros de linha e mil coisas estapafúrdias, de porta em porta, que não lhe enchiam o estômago, mas ainda o mantinham vivo” (ADP: 106).

ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DAS NOVELAS PICARESCAS

Até meados do século XVI, a literatura picaresca confinou-se aos meandros das obras lupanárias. A partir de então, desenvolver-se-ia sob duas formas distintas: (i) a *dramática*, que relata a vida do protagonista, em estilo dialogado, ao longo de vários episódios; (ii) e a *novelasca*, que faz uso do modo narrativo para abordar a vida do herói. Todavia, a verdadeira literatura picaresca pode reduzir-se à *novela*, uma vez que as demais obras não consubstanciam este estilo na totalidade, antes deixam figurar nas mesmas apenas alguns episódios tidos como picarescos.

A *novela picaresca*, genuinamente espanhola, pode ser definida como a real ou fingida autobiografia de um pícaro, a que o autor recorre para, a par e passo, e de modo irónico e indirecto, satirizar a sociedade em que o herói se movimenta. A autobiografia deste pode ser fingida na maioria dos casos, mas encontra-se de tal forma fundida com a realidade, da maneira de viver dos espanhóis da época, que as novelas picarescas acabam, elas próprias, por se tornar verdadeiras autobiografias. Assim, e embora façam apenas eco, exagerado ou idealizado, de raros acontecimentos da vida dos seus autores, dúvidas não existem de que o aparecimento e desenvolvimento deste género literário terá sido determinado pela envolvimento histórica e sociocultural

em que se enquadram as personagens *pícaras*.¹² Inseminadas de paródia, burlesco e aspectos biográficos marcadamente irónicos, as novelas picarescas nunca foram novelas de amor, nem sequer de luxúria. Trata-se de um género essencialmente misógino, de expressão que chega a roçar o cinismo, mas cujo pensamento não pode ser entendido como licencioso. De facto, o que se retrata em *Lazarillo de Tormes*, *Guzmán de Alfarache* ou *Buscón Don Pablos* é a epopeia cómica da astúcia e da fome, que leva à expressão de um feroz individualismo, sem que este deixe de ser humorístico.

CONDICIONALISMOS QUE LEVAM AO APARECIMENTO DO GÉNERO PICAESCO

O aparecimento do género picaresco em Espanha, e sua posterior adopção em Portugal, surgem intimamente ligados às épocas de crise e de desencanto nos dois reinos. No primeiro, a ilusão do “Século de Ouro”, durante o qual a aparência de uma civilização que brilhava esplendorosamente escondia o esgotamento no qual o Estado ia mergulhando, na tentativa de defesa de possessões externas quando o despovoamento e a estagnação económica lhe reduziam os recursos. Este aspecto determinou o desenho de uma sociedade assente em disparidades gritantes: de um lado, os *validos* introduzindo a corrupção no sistema governativo, retirando poder de decisão ao monarca e enriquecendo escandalosamente à custa do Estado; do outro lado, os mouros artesãos e os *hidalgos*, pobres e numerosos, tendo que servir nas campanhas militares ou, em contrapartida, tornando-se salteadores e mendigos. O depauperamento do prestígio e das finanças espanholas traduziram-se no aumento da vadiagem e da mendicância, o que concedeu o mote para a eclosão da comédia e da novela picarescas, até porque a elite cultural espanhola, ao contrário do que sucedia com o sistema político, atingira então grande esplendor. No campo literário, especificamente, despontava o génio de Frei Lope de Vega, Tirso de Molina, Guillém de Castro, Alarcón, Calderón, Góngora, Quevedo e Cervantes, com este último, através das aventuras de *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha* (1605), a colocar, parabolicamente, o dedo na ferida da decadência espanhola e fazendo emergir a consciência sobre um Estado cuja corte, perturbada pela leitura dos

romances de cavalaria, se mantinha em permanente festa, cultivando um sentimento onírico de heroísmo e movimentando-se num contexto de irrealismo e ilusão. Deste modo, pela pena dos autores picarescos é denunciada uma sociedade de contrastes, em que todos tentam viver acima das suas possibilidades.

PRIMEIRA FASE DA PRODUÇÃO PICAESCA ESPANHOLA

Em 1551 apareceu a primeira novela picaresca, a já referida *La vida del Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades*, uma carta epistolar escrita na primeira pessoa e que ganhou relativa atenção por parte do público. A edição veio à estampa na cidade de Alcalá de Henares, localizada na Comunidade Autónoma de Madrid, 35 km a nordeste da cidade de

Página de rosto da edição de 1554 de *La vida del Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades*.



MACAU: ARTES & LETRAS - I

Madrid. Quanto ao herói, Lázaro González Pérez, mais conhecido por *Lazarillo de Tormes*,¹³ filho mestiço¹⁴ de uma mulher amancebada com um negro moleiro e ladrão, nasce na província de Salamanca, que faz fronteira com o nordeste de Portugal, e fica órfão em tenra idade. A mãe coloca-o ao serviço de um cego, que mendiga nas margens do Tormes e com o qual Lazarillo aprende a arte do embuste, até se tornar em escudeiro esfomeado que quer ser fidalgo para escapar ao pagamento de impostos. É, pois, o herói pícaro fornecendo os elementos para a denúncia do quadro realístico da baixa nobreza, amoral e cínica, com laivos de vadiagem e mendicância, e repleta de burlões, de maridos traídos ou magistrados corruptos

Se na primeira edição da obra as andanças do herói se confinam ao interior de Espanha, já na segunda – a sua continuação, – Lazarillo abandona Toledo e embarca numa armada em Cartagena para ir combater os mouros em Argel, mas esta acaba por naufragar. Deste modo, na seqüela das aventuras do herói, surgem já as cidades portuárias que fornecem os ingredientes necessários para a fermentação de actividades marginais de todo o tipo, tão propícias para os pícaros poderem pôr em prática as suas artes de “fura-vidas”. Assim, não surpreende também que a segunda edição de *Lazarillo de Tormes* (1554) tenha sido dada à estampa em Amberes (Antuérpia), Flandres, um dos portos mais importantes da Europa, com cerca de 50 km de cais a servirem de plataforma de direcção das mercadorias para a Bélgica e outros países.

Apesar de bem aceite, tudo indicava que a primeira novela picaresca seria também a última, uma vez que foi proibida pela Inquisição. Paralelamente, o Santo Ofício fez também cair a sua acção sobre os primeiros imitadores e cultivadores do género. Mas não foram apenas os censores eclesiásticos o único motivo que levou os autores a demarcarem-se do rumo picaresco, visto a novela pastoril deter, igualmente, grande popularidade entre o público. Deste modo, pertenceu ao sevilhano Matéo Alemán não só a responsabilidade de dar continuidade ao género mas também a glória de ser o primeiro autor conhecido de uma novela picaresca, relatando as aventuras do pícaro Guzmán de Alfarache. A primeira parte da obra, *Primera parte de Guzmán de Alfarache*, seria publicada em Madrid, no ano de 1559, enquanto a segunda, intitulada *Segunda parte de la vida de Guzmán de Alfarache, atalaya de la vida humana*, conheceria edição na cidade portuária de Lisboa,

decorria o ano de 1604. Posteriormente, em 1681, a obra foi também lançada em Amberes, sob o título *Vida y hechos del pícaro Guzmán de Alfarache: atalaya de la vida humana*, já que, na mesma, se juntavam as duas edições anteriores. Nas imagens que enriquecem a publicação, retratam-se as andanças do herói entre Sevilha e a cidade costeira de Génova, sendo já possível constatar a alusão às peripécias do herói no porto da segunda.

No ano seguinte ao da publicação da segunda parte de *Guzmán de Alfarache*, apareceria o *Libro de entretenimiento de la pícaro Justina* (1605), do médico Francisco López de Úbeda, que imita o primeiro e é publicado numa vila do interior, Medina del Campo, Comunidade Autónoma de Castela e Leão. Estas duas obras, a par do *Lazarillo de Tormes*, constituem o espólio da primeira fase da literatura picaresca.

SEGUNDA FASE DA PRODUÇÃO PICARESCA ESPANHOLA

No século xvii, porém, a Contra-Reforma concederia à novela picaresca três ingredientes básicos para um novo fôlego: o dogmatismo sentencioso, a quase total ausência de preocupações sentimentais e a insensibilidade perante a natureza.¹⁵ Ingredientes estes que acabariam por constituir o estoicismo moral do género, cujas fontes passaram a ser o Evangelho, Séneca e o adagiário popular. Assim, é neste século que o género encontra condições propícias para evoluir na Península Ibérica. Efectivamente, à medida que aumentava a pauperização de uma sociedade fustigada por epidemias, guerra e fome, emergia, em contraponto, uma estranha psicose colectiva, paradoxalmente unida pelo optimismo e pelo desalento daqueles que deambulavam por todo o território. E, perante a pobreza que emerge como único meio de vida, começam a proliferar os moedeiros falsos, os assaltantes nocturnos, os ladrões de todo o género, as prostitutas, os mixordeiros e os funcionários venais. Por seu lado, o culto religioso atinge proporções de grande pompa, mas é pregado por teólogos menores, veiculadores de um moralismo já caquético. Por conseguinte, a figura picaresca, depois de muito pecar, surge agora imbuída de arrependimento, ou seja, a matiz ideológica que caracterizaria também o Barroco dos últimos quartéis do século xvii. Nesta fase, o preconceito da honra, que fora até então apanágio exclusivo da nobreza, torna-se fundamental nas relações sociais, manifestando-se em quase todos os planos de

actuação de escritores, políticos, moralistas e artistas em geral. A perfilhação deste código de comportamento alastra-se a todas as classes e acaba, desta forma, por afectar a vida religiosa, económica, familiar e cultural, o que explica a demarcação dos comportamentos do pícaro relativamente aos heróis da primitiva novelística picaresca.¹⁶

*A novela picaresca,
genuinamente espanhola, pode
ser definida como a real
ou fingida autobiografia
de um pícaro, a que o autor
recorre para, a par e passo,
e de modo irónico e indirecto,
satirizar a sociedade em que
o herói se movimenta.*

A necessidade de ordenar os acontecimentos em conformidade com os interesses pessoais, em vez de relatar simplesmente as impressões da vida externa marcada pelo azar, deu o mote para uma viragem no género picaresco. Emerge uma segunda fase na produção novelística, passando as narrações a dirigir menor atenção às distinções entre classes sociais e a virarem-se mais para o próprio observador. Como este era um pícaro, os relatos apontavam agora para as suas picardias, que não devem ser vistas como simples trapaças, mas como as revelações de uma personagem que as combina com o objectivo de atingir um fim. O excesso de comentários de índole moralizante que visavam reprovar determinados comportamentos e funcionavam como extensos sermões doutrinais dirigidos à sociedade pecadora tendeu a diminuir, aumentando, em contrapartida, a importância da fábula, que tornaria a narração menos estereotipada. Assim, como primeira obra desta fase poder-se-á apontar, cronológica e tipicamente, a *Historia de la vida del Buscón, llamado Don Pablos Cimorras, ejemplo de vagabundos y espejo de tacaños*, escrita entre 1603 e 1608 por Francisco de Quevedo, mas que apenas seria

editada em 1626, na cidade de Saragoça, Comunidade Autónoma de Aragão.

Desta forma, à medida que foram surgindo as novelas picarescas desta nova fase, apareciam também outras obras influenciadas por elas. Estamos, então, perante textos imperfeitos do género, que se diferenciam das novelas quer na forma quer pelo facto de se mostrarem picaescos apenas em parte do seu conteúdo. Cervantes e Quevedo sobressaem como os mais profundos conhecedores dos males de todos os estratos da sociedade, criticando-os sempre que a ocasião o proporciona, o primeiro de forma directa, o segundo recorrendo à caricatura. O herói pícaro passeia-se então pela sociedade, descrevendo e satirizando as suas falhas e fraquezas, bem ao jeito do que nos serviria também Senna Fernandes, nas obras cuja acção decorre em Macau, três séculos depois.

A PRODUÇÃO PICAESCA PORTUGUESA

Além-fronteiras, a literatura picaresca é traduzida e imitada, primeiramente pelos escritores italianos, ingleses (o poeta e dramaturgo John Dryden) e franceses (a novelista Mademoiselle de Scudéry e os dramaturgos Paul Scarron, Corneille e Molière). No caso concreto de Portugal, não obstante, as primeiras manifestações pícaras na literatura portuguesa surgiram tanto nas farsas (por exemplo, *Quem Tem Farelos?*, de 1515, *A Farsa de Inês Pereira*, de 1523, ou a *Farsa dos Almocreves*, de 1527) e comédias (por exemplo, *Comédia do Viúvo*, de 1524) vicentinas como em outras comédias, como sucede com a *Comédia Eufrosina*, inspirada na *La Celestina* e escrita entre 1527 e 1537 por Jorge Ferreira de Vasconcelos, mas apenas publicada em 1555. Assim, apenas deverão considerar-se como exemplos de literatura picaresca textos que seriam dados à estampa no século XVII, alguns de autores anónimos, como *Obras do Diabinho da Mão Furada*¹⁷ e *A Arte de Furtar*.¹⁸ Porém, pertenceria à Literatura de Viagens a obra mor de características picarescas da época, sobretudo se levarmos em linha de conta a sua estrutura autobiográfica e os seus elementos do domínio da sátira: *Peregrinação* (1614), de Fernão Mendes Pinto. De facto, e, como refere Saraiva,

“A estrutura autobiográfica de ‘Peregrinação’ é a de qualquer novela picaresca, com a particularidade de aqui [...] o pícaro peregrinar fora da sua pátria, isto é, fora do meio social em que nasceu”.¹⁹



記 燥

雀 蔴 登

貨 和

Por conseguinte, e após a malograda tentativa do *Lazarillo de Tormes* em ir combater para Argel, temos, pela primeira vez, o herói pícaro ausentando-se do continente que o viu nascer, para descrever as pessoas e as terras exóticas da Ásia, por onde deambulava: China, Tartária, ilha dos Léquiões, o Calaminhão, os Siameses, os Bramas e a ilha de Sunda.

Ainda no século xvii, são de destacar os *Apólogos Dialogais*, de D. Francisco Manuel de Melo, escritos por volta de 1658, mas só publicados em 1721. Já em pleno século xviii vai revelar-se Tomás Pinto Brandão, com a autobiografia burlesca em verso *Vida e Morte de Tomás Pinto Brandão* (1779-1785).

Durante a Época Moderna foi frutífera a produção de picaresca tardia em Portugal, que traçava o perfil económico, religioso, cultural e político do país. D. Francisco Manuel de Melo elabora o texto de crítica de costumes “Escritório avarento”, incluído na obra *Apólogos Dialogais* e, na esteira deste, seguem-se outros de diversos autores, parodiando e legando, para a posteridade, o retrato de uma curiosa galeria de tipos sociais dos finais do século xviii e inícios do século xix. Algumas das obras desta fase conjugam, magistralmente, dois géneros nas críticas que encerravam: por uma lado, a sátira social (e livro de costumes), e por outro lado o pícaro, embora este tardiamente. É o que sucede, por exemplo, com *O Piolho Viajante. Divididas as Viagens em Mil e Uma Carapuças*, atribuído ao livreiro editor António Manuel Policarpo da Silva e publicada num tomo em 1802, que explora o reverso da temática social, isto é, os meandros pelos quais D. Francisco Manuel de Melo não se atrevera a incursionar. Circunscrevendo-se à casta de gente desleixada, tosca e “piolheira”, Policarpo da Silva observa, para depois zombar, satirizar e também fantasiar, sem nunca deixar de meditar. Ainda no século xix poder-se-ão destacar também certos elementos picaescos das novelas de Camilo Castelo-Branco, sobretudo nas *Memórias do Cárcere* (1862) e nas *Novelas do Minho* (1875-1877). Também *A Relíquia* (1887), de Eça de Queirós, não deixa de exibir influências da tradição picaresca espanhola, a começar pelo próprio subtítulo da obra: “Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia”.

No que respeita à Idade Contemporânea, o seu início foi bastante marcado pela corrente filosófica

iluminista, que cultivava a importância da razão. Sobrevem o sentimento de que nas ciências reside a solução para os problemas da humanidade e que as civilizações só poderão progredir caso recorram aos conhecimentos adquiridos. Posteriormente marcada pelo desenvolvimento e consolidação do regime capitalista no Ocidente e, consequentemente pelas disputas das grandes potências europeias por territórios, matérias-primas e mercados consumidores, a Idade Contemporânea é também o período em que eclodem duas guerras mundiais, alertando o homem para o facto de as nações tecnologicamente avançadas e culturalmente instruídas serem capazes de cometer atrocidades. Instala-se o cepticismo sobre a eficiência do actual modelo europeu da divisão histórica, o qual perdura até aos dias de hoje, uma vez que, com as sociedades voltadas para um tipo de economia voraz, se vão acentuando os fossos sociais e materiais entre ricos e pobres, a nível interno dos países e entre nações desenvolvidas e nações subdesenvolvidas, à escala global. Nestas condições, continua a existir matéria para a exploração de literatura com laivos de picaresco, não se tendo esgotado ainda o filão que alimenta este género literário. Desta forma, no século xx, são de destacar as características picaescas de *O Malhadinhas* (1922), de Aquilino Ribeiro, *O Trigo e o Joio* (1954), de Fernando Namora, *O Hóspede de Job* (1963), de José Cardoso Pires, ou, mais recentemente, *O Que Diz Molero* (1977) de Dinis Machado, a revelar influência de uma certa ficção latino-americana contemporânea, *O Dia dos Prodígios* (1979), de Lídia Jorge, *Memória de Elefante* (também de 1979), de António Lobo Antunes, ou *Trabalhos e Paixões de Benito Prada* (1993), de Fernando Assis Pacheco.

Independentemente da importância literária das obras listadas, a verdade é que não houve uma autêntica floração do género entre nós, nem mesmo no período áureo da novela picaresca. A escassa produção das mesmas nos outros países de língua portuguesa, seja em período colonial seja em período pós-colonial, comprova isso mesmo. Assim, no Brasil é possível indicar, entre outras, *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852 ou 1853), de Manuel António de Almeida, *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, *O Grande Mentecapto* (1979), de Fernando Sabino, ou *Cenas de Amor Perdido* (2006), de António José de Moura. Em Angola, o destaque vai para *O Cão e os Caluandas* (1985), crónica humorística de carácter

MACAU: ARTES & LETRAS - I

assumidamente picaresco, escrita por Pepetela, autor a quem cabe a elaboração de outros escritos imbuídos de personagens pícaras, como acontece com *A Geração da Utopia* (1992) ou *Jaime Bunda, Agente Secreto* (2001).

Para explicar a escassa floração do género em língua portuguesa, são apontados diversos aspectos,²⁰ como a ausência de ambiente social propício (Teófilo Braga), a orientação da literatura portuguesa para a busca de inspiração que configura temas do imaginário, do amor, e da nostalgia, contrários ao real concreto do pícaro (Fidelino de Figueiredo), bem como a tendência para a exaltação do valor e do heroísmo (Hernâni Cidade). Aspectos estes que, contudo, não impedirão Senna Fernandes de, nas suas narrações, nos apresentar novamente figuras pícaras deambulando em terras asiáticas, embora, desta vez, e ao contrário do que sucedera com Fernão Mendes Pinto, confinadas às exíguas limitações espaciais da portuária e intercultural Macau. Limitações estas que, surpreendentemente, não deixam de encerrar em si um vasto manancial de

ingredientes para que o autor, a exemplo de outros contemporâneos seus (Fernando Namora, Pepetela), não só assumam “uma atitude de rebelião contra os quadros estabelecidos pela sociedade, pela moral oficial, pelas imposições da ordem, dos sistemas e das leis ou ainda pelo academismo oficioso”²¹ mas deixe também, para a posteridade, matéria-prima substancial quer para o estudo da Literatura quer para a captação do factual histórico da época em questão.

O PICARESCO COMO CONTRIBUTO PARA A CAPTAÇÃO DO FACTUAL

Para Welleck,²² os textos literários não são documentos, mas sim monumentos, uma vez que podem conter valores históricos, filosóficos, científicos e religiosos, orientados sobretudo pela vertente estética, sendo este o aspecto que os intemporaliza. Efectivamente, e tal como sucede nos textos de Senna Fernandes, nem tudo é conduzido apenas pelo estilo,

Vendilhão de comida. Fotografia de José Neves Catela.



pelo valor estético, pelo juízo do narrador, isto é, os relatos picaescos não são elaborados subjugando-os unicamente ao retórico. Assim sendo, estes escritos poderão – e deverão – ser observados à luz do conceito preconizado por Welleck, tornando-se também objecto de estudo da História. No caso concreto das obras que seleccionamos para análise no presente trabalho, estamos perante escritos que se mostram picaescos apenas em parte do seu conteúdo, configurando os textos imperfeitos do género que emergiram após a primeira fase da produção das novelas picaescas espanholas. Apresentando características disfóricas, aliam à sátira toda uma preocupação moralista para relatarem situações que desmistificam heróis sociais, redimensionando-os à condição de homens vulneráveis que se deixam levar pela ganância e pelo egoísmo instalados na Época Moderna. Como tal, o autor condimenta as aventuras pícaras com doses ajustadas de fantástico e real quotidiano, bem na linha das aventuras de *Gil Blas*, do francês Alain-René Lesage, para fazer das suas obras documentos de importante interesse literário, mas também de extremo valor social e moral. Literário porque, através de uma linguagem directa, eivada de termos maquistas e macaenses, é certo, mas vivíssima e popular, nos reconduz para o convívio com um dos mais ricos sectores da literatura portuguesa, desde Gil Vicente a D. Francisco Manuel de Melo, desde o panfletário Manoelinho do século XVII aos esquecidos ironistas do século XIX, desde *A Arte de Furtar* às sátiras dos mordazes de Nicolau Tolentino de Almeida ou Bocage.

Social e moral porque o relatado nos traz os frescos do quotidiano, evidenciando igualmente a forma de pensar e sentir das comunidades de Macau, antes de serem ultrapassadas pelas transformações que inevitavelmente alterariam toda a sua estrutura social. Por conseguinte, os textos *senna fernandinos* em questão acabam por configurar matéria-prima de estudo quer para a História quer para a Literatura. E se terá sido pela perspectiva picaesca da época retratada que foram apaixonadamente lidos, torna-se seguro afirmar, igualmente, que é como monumento que se actualizam até hoje. Perante este facto, torna-se fundamental concluir, *a priori*, que a sua observação científica não poderá ser efectuada por meros “curiosos”, visualizadores pontuais da realidade vigente em Macau nos meados do século XX. Assim, e embora os textos não deixem de se constituir como fonte importantíssima para o estudo



Adivinho chinês lendo a sina. Fotografia de José Neves Catela.

da época a que respeitam, caberá sempre ao especialista atento, socorrendo-se de material auxiliar, fornecer uma visão imparcial dos factos. Só desta forma poderá “separar o trigo do joio” e concluir acerca da veracidade dos relatos, distinguindo entre o factual e o meramente emotivo ou subjectivo. Confrontando ambos os textos literários entre si ou com outros relativos ao mesmo contexto sócio-temporal, será possível detectar, então, os aspectos imparciais e/ou tendenciosos, já que os segundos, a ocorrerem, poderão ter apenas a finalidade de exaltar ou depreciar aspectos do sistema social, político e económico da época em questão.

CONTEXTUALIZAÇÃO DE *A TRANÇA FEITICEIRA* E *AMOR E DEDINHOS DE PÉ*

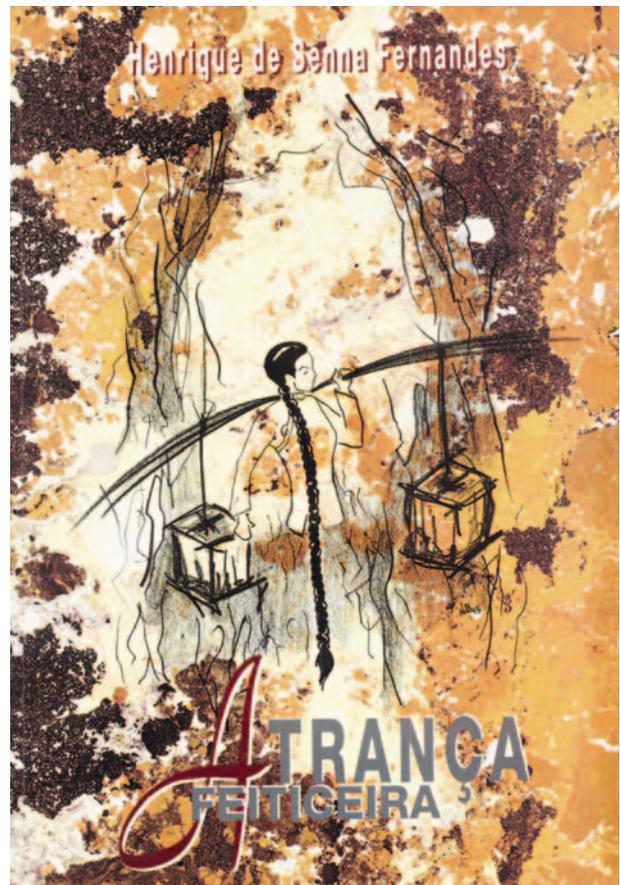
Após os considerandos acerca do modo como a Literatura se pode constituir um precioso auxiliar da História, analisemos agora as obras que escolhemos, dando exemplos de elementos que se enquadram no objectivo da segunda, isto é, como através de excertos, aleatoriamente seleccionados, se podem encontrar fontes que proporcionam uma riquíssima investigação nas mais diversificadas áreas da História. Quer numa quer noutra obra, o verdadeiro *picaresco* é configurado pelo uso da franqueza e da verdade sem pejo, que, aliadas a rasgos de ironia, denunciam vícios modernos. Temos então uma desfocagem do picaresco típico, já que o narrador, esquecendo-se inteiramente de si, trilha pelas histórias das vidas daqueles que, deambulando pela Macau de princípios e meados do século XX, nos revelam os ócios e curiosidades da sociedade da época. Os heróis *senna fernandinos* colaboram, assim, na

MACAU: ARTES & LETRAS - I

recolha de dados preciosos sobre o *modus vivendi* das três principais comunidades de Macau, num período em que grandes conflitos bélicos à escala mundial surgem como ecos distantes, pouco afectando a pacata Cidade do Santo Nome de Deus:

“Nesse Verão de 1941, [...] a guerra era inevitável. O que aconteceria a Macau? Admirava-se que, em sua volta, a vida decorresse tranquila, farta e ligeira, as pessoas despreocupadas e inconscientes do apocalipse que se avizinhava. Alterações da vida quotidiana eram poucas, apenas com o paulatino encarecimento dos géneros alimentícios e um número crescente de refugiados, vindos da ‘terra-china’” (TF: 169). 215

Por conseguinte, não espanta verificar que, em obras tão atentas aos vícios da época e às efemérides sociais, Senna Fernandes não tenha manifestado a preocupação de introduzir nas mesmas qualquer reflexão política de fundo, ignorando ou fazendo vagas alusões a acontecimentos históricos marcantes, mais em *A Trança Feiticeira* do que em *Amor e Dedinhos de Pé*. Ainda assim, de entre os eventos superficialmente abordados pelo autor, poderão destacar-se questões de âmbito interno e externo à cidade: a Guerra dos Boxers (ADP: 233); acções, sob o comando do ouvidor Arriaga, contra o pirata Cam Pou Sai (ADP: 13);²³ “a Revolta dos Faltões, o assassinio do governador Ferreira do Amaral e a incursão de Vicente Nicolau de Mesquita ao Passaleão” (ADP: 14-15), que estiveram na base de uma sensação de mal-estar e levaram muita gente a emigrar para Hong Kong,²⁴ em busca de protecção; a explosão do paiol da Guia “às cinco e quarenta e cinco da manhã do fatídico dia 13 de Agosto de 1931” (TF: 37), descrevendo Senna Fernandes, de forma pormenorizada, não só a ocorrência e suas consequências mas também quais as zonas e edifícios afectados; o “‘crash’ das acções na Bolsa de Hong Kong, um dos terríveis efeitos da guerra sino-nipónica de 1931-32” (TF: 139; 168), e que afectaria de forma directa o próprio autor, já que o seu pai investira as economias da família em acções da referida Bolsa; o segundo confronto sino-nipónico, em 1937, (TF: 11), marcado pelos incidentes na longínqua região da Manchúria (TF: 82) e “ataque em grande escala das tropas japonesas contra as guarnições chinesas” (TF: 50), que leva pessoas a atravessarem as Portas do Cerco, em busca da segurança que Macau proporciona (TF: 107; 169); a Segunda Guerra Mundial e seu



consequente alastramento ao Pacífico (TF: 6; 11; 167-169; 179); os conflitos entre talassas (monarcas) e republicanos em Portugal (ADP: 341; 345); etc.

Ainda que Senna Fernandes só obliquamente faça alusão a acontecimentos determinantes dos períodos abordados, as obras em questão não deixam de se constituir como uma ampla sátira social, que ataca e desmascara quer a realidade cultural (ou incultural) quer os padrões tacanhos da ética de então, sobretudo da pequena burguesia macaense. Para o consubstanciar, o autor recorre a personagens pícaras, muitas vezes identificadas por alcunhas depreciativas, a fim de traçar o retrato fiel de uma “plebe” marcada pela sordidez, torpeza e boçalidade, assentes na miséria, falta de higiene, estupidez, maldade, vício, brutalidade, cupidez, baixaza, inveja, alcovitice, ciúme, desonestidade, traição, tolice e imbecilidade. Entre mendigos, indigentes, profissionais das classes desfavorecidas e remediadas e homens de negócios, é imenso o rol de personagens dignas de registo. Assim, desde o “dentista ambulante” que, à luz da lâmpada

MACAO: ARTS & LETTERS - I

de petróleo, esfuracava a boca e arrancava dentes e urros aos desgraçados que, seguros pelos braços de um homem possante, o procuravam (ADP: 40; TF: 144), ao marido que moía a esposa de “pancada e só não se excedia mais por causa do parão do sogro”, passando pelo chinês, “pai de família escanzelado”, casado com “mulher ressequida de partos e muitas privações” (ADP: 71), que se dedica a consertar cadeiras no meio da lixeira e vive num casebre com cheiro fétido de suor e de ranço, no qual a promiscuidade é denunciada pelo amontoado de “roupas, tarcos, latas e dejectos, a trouxe-mouxe, sem ordem nem limpeza” (ADP: 81) e, movido pela cobiça e pela mentalidade que “o que interessava eram os filhos varões” (ADP: 78), acaba vendendo, por tuta-e-meia, a filha adolescente e virgem a um velho comerciante, proprietário de um boteco de vinhos chineses, para o curar do mal da impotência; pela “figura do beatério” da “cidade cristã” (ADP: 9), condenada de pequenina ao celibato e que afoga mágoas no prazer doentio de vestir cadáveres e orientar velórios com eficiência (ADP: 16); pelo “mentiroso pavãozinho da aristocracia” que “inventava façanhas, que, à força de repetidas, acabara por acreditar nelas ou já não podia desmenti-las”, chateando todos, embora sem fazer mal a ninguém (ADP:17); pelo “marido pau-mandado”, funcionário modestíssimo traído pela mulher arrebicada com luxos e jóias, oferecidos pelos “amantes, todos sargentos metropolitanos da guarnição e da Guarda Cívica” (ADP: 41); pela “terceira concubina” do velho negociante chinês, que se lhe impõe, autoritária, por ter sido ela a dar-lhe “o herdeiro almejado” (ADP: 337); pelo barbeiro ambulante “cristão-novo”²⁵ que se gabava de ter feito a barba a três governadores (ADP: 290); pelos “chineses basbaques”, ostentando tranças compridas e que vinham das aldeias do interior da “terra-china” para se espantarem com as “maravilhas” da cidade (ADP: 40); pelo criado do hotel que oferece os serviços de “uma massagista, ou uma cantadeira ou, então, uma ‘flor’” aos clientes (ADP: 214); pelos membros da “família aristocrata” endividada que, acompanhando a decadência de Macau, viviam agarrados a pergaminhos sem valor e “exigiam deferências, consideração e empregos à altura do nome” (ADP: 15); etc. Ou seja, é infundável a lista *senna fernandina* de elementos que compõem a galeria social de Macau.

Mas, ao circularem pelos meandros da região, os heróis pícaros *senna fernandinos* acabam igualmente por transitar por uma sociedade viciosa e com marcas

de pobreza²⁶ a roçar o endémico,²⁷ retrato, afinal, de um Portugal que levava décadas de atraso em relação à Europa. Os processos de sobrevivência, os hábitos alimentares, as toscas diversões, o vestuário sórdido, a medicina corrupta, a farmacopeia mixordeira, não são “vícios”: são, antes de mais, o terrível retábulo de verdades que a “história oficiosa” tudo fazia para esconder, ou que a literatura culta não se atrevia a divulgar, pelo menos com o mesmo desprante com que o fizeram os autores da literatura picaresca ou matizada de picaresco. Neste aspecto, as obras de Senna Fernandes dão-nos também o universo de uma vasta célula de misérias, no qual alguns dos membros das comunidades de Macau se espoliam mutuamente, confirmando-se um quadro social que de há muito se vinha arrastando em Portugal e seus territórios, e se agravava verdadeiramente a partir do século XVIII:

“Quando o Brasil começou a render. D. João V começou a reinar e a gastar. Devorou-se o que ainda restava em Portugal, devorou-se tudo o que veio da América. Portugal importava, só por Lisboa, 4000 contos de pão cada ano. E na série de doidos, de maus, ou de idiotas, levados pelo braço de negociantes jesuítas ou ingleses, pupilos de uns, prebostes de outros, disseram-se reis de um reino que era uma sombra, animada por um único sonho vivo: o sebastianismo”.²⁸

Mas, ao denunciar a lepra que ia fazendo a baixa história macaense, Senna Fernandes não satiriza unicamente algumas figuras que tinham já uma larga crónica dentro e fora da região, caso do mestre-curandeiro que, com “os seus chás de ervas medicinais, que escolhia a dedo e a olho, no escuro das drogarias chinesas, cheias de gavetas e boiões onde pairava fortemente o cheiro de alcaçuz” (ADP: 32), curava desde impinges, eczemas crónicos, furunculose e acnes até sarampos, disenterias, reumatismo, asma ou blenorragias “de ‘se tirar o chapéu’” (ADP: 177).²⁹ De facto, o passeio pelas ruas, vielas e áreas circundantes da Macau antiga, para além de permitir ao autor listar ainda um extenso rol das profissões mais activas de então, constitui também a inspiração para ajudar a descrever, bem ao estilo de Cesário Verde, fragmentos do buliço quotidiano, que fazem a cidade pulsar de sons, odores, paladares e cores: os condutores de riquexó, gritando para os peões, no meio da rua, abrirem alas (TF: 144); os carregadores de zorras “a chiar” (TF: 144); o amolador de facas, que se esfalfava,



山水名茶

山水名茶

包辦海味

山水名茶

MACAO: ARTS & LETTERS - I

“rolando a sua maquineta” (TF: 19); os vendilhões ambulantes, que conversando alto, discutindo e mercadejando, “atravancavam os passeios, à compita com as lojas. Expunham os mais diversos objectos – quinquilharias, adelos, ferros velhos, obrinhas de arte, falsas na maioria, louças de barro para mais desvairado uso.” (TF: 143-144); o vendilhão de canja de peixe e acepipes avinagrados,³⁰ coando a sua voz “entre o casario compacto do Baixo-Monte” (TF: 163); o garoto da venda de *min*³¹ e sopas de fitas, “batendo o taco de madeira, taque-taque, sobre um pedaço de tronco seco de bambueiro, convocando fregueses” (TF: 119); o “vendilhão de ‘hám-ioc-chong’ e de ‘kó-cheng-chong,’ os bolos de catupá, bolos quentes de arroz gomoso, carne de porco e ovo salgado de pata, embrulhados em folha de bananeira”, soltando pregões “da embocadura de uma escadaria” (TF: 119); o vendilhão de pão quente e fresco e de bolacha-manteiga, goelando “as suas delícias, com a voz caracteristicamente anasalada” (TF: 119); o “sai kó merendeiro”, com os seus pregões nostálgicos, matinais e do entardecer, correndo as portas das casas portuguesas para vender doçaria macaense, anunciada em grito prolongado: “*melenta... melenta*” (TF: 130); o “sorveteiro”, propagandeando “o seu produto, com o seu famoso pregão ‘ássi-clim’, repercutindo pela calçada e vielas” (TF: 119); o “homem dos ‘tintins’”,³² batendo ferritos e apregoando (ADP: 334); o “ceguinho”, plangendo o seu alaúde e “oferecendo-se para ‘cantar’ a sina” (ADP: 214); os marcadores de horas, que “durante a noite, [...] de espaço a espaço, tangiam pratos metálicos e bradavam as horas, percorrendo as ruas silenciosas” (TF: 4); a vendilhã ambulante de achares, que percorria a cidade de narinas infladas, desde a manhã ao cair da noite, sempre descalça, com os pés largos e calejados, e falando “um cantonense com forte sotaque da aldeia donde era oriunda” (ADP: 63); os “saltimbancos”, com os seus teatrinhos de marionetas;³³ o “narrador de histórias”, que perante a assistência acocorada, desfiava com eloquência “os feitos dos heróis antigos e das imortais donzelas guerreiras” (TF: 17, 144); os “prestidigitadores”; o “geomante”, que considerava que desfazer-se de uma casa com bom *fong-sô*³⁴ “é brincar com a sorte” (TF: 155); o “adivinho”³⁵ que lia “a palma das mãos e as rugas do rosto” (ADP: 69);

as *pei-pa-chais*³⁶ de carinhas pintadas, finas cortesãs que entretinham e agradavam os clientes, por entre “canções ao som do alaúde e do ‘piano de cordas’” (ADP: 63; 159, 164); as “galinhas”³⁷ das vielas e dos sujeitos alcoices (ADP: 63, 159; 294), etc.

E para completar todo o “rebotinho humano” (TF: 4) da galeria, temos ainda os homens de negócios, proprietários de casas de pasto, lojas de vinhos chineses, botequins ou tendinhas. Enfrentando a concorrência dos vendilhões ambulantes, que descaradamente disputavam os clientes à sua porta, alguns dos proprietários dos estabelecimentos não hesitavam em recorrer a mil e uma artimanhas para impingir os seus produtos, completando o quadro torpe de gentilha mais preocupada em enganar o próximo do que em lhes fornecer artigos de qualidade. Desde o ourives, que recolhia os cartuchos vazios de balas e obuses de vários calibres, na sequência da explosão do paiol da Guia, os cinzelava artisticamente e os vendia “para ornamento de sala” (TF: 37-38), até à “loja de canjas” servidas por criadinhas escanzeladas (TF: 145), ao *cou-lau*³⁸ que não primava pela higiene, ou ao “sórdido *fan-tim*”,³⁹ frequentado por pescadores, embarcações e estivadores” (ADP: 60), tudo é possível encontrar nas ruas, vielas e mercados de Macau: o agiota da casa de penhores,⁴⁰ que empresta “a juros elevados” (ADP: 127) a clientes que empenham coisas valiosas que ainda possuem, com a premonição de que vão perdê-las para sempre (TF: 88); o “dono da lojeca de venda de panchões e pivetes”⁴¹ de devoção”, que consegue ser um dos fornecedores do Tou Tei Mio⁴² e cai nas graças de uma das “aguadeiras” de Cheok Chai Un, que vê no casamento com o comerciante a oportunidade de abandonar a vida de indigência e ascender na classe social (TF: 83); o algibebe, vendedor de trapos e roupa em segunda mão que, por melhor que fosse arranjada, não assentava bem (TF: 111); a “loja de mobílias em segunda mão”, cujo dono não hesita em alugar camas, mesas e cadeiras (TF: 84), para fazer face à crise de vendas; as *cha-kóis*,⁴³ onde se fechavam negócios que violentavam “os princípios morais” (ADP: 77-78); as “ervanárias, boticas e farmácias chinesas”, reconhecidas pelos seus característicos produtos afrodisíacos e “odores de ervas e chás medicinais” (TF: 144); o hotel, caracteristicamente chinês, cujos quartos são invadidos pelo “odor insofismável do ópio, misturado com o do sândalo [...] todos os rumores duma cidade chinesa, os pregões dos vendilhões ambulantes, o estalar de

MACAU: ARTES & LETRAS - I

tamancos nas pedras da calçada, o estrelajar de panchões votivos” (ADP: 214); etc.

Assim, a riqueza de pormenores sobre o dia-a-dia dos habitantes de Macau permite que se recolham elementos de importância extrema para a captação do factual de outras aéreas dos estudos socio-históricos e linguísticos, a saber:

- (i) jogos de fortuna e azar,⁴⁴ alguns já caídos em desuso;
- (ii) actividades lúdicas⁴⁵ e desportivas;
- (iii) hábitos, festividades, rituais e tradições (ocidentais, orientais e interculturais); vestuário, acessórios e adornos, sejam eles chineses ou ocidentais;
- (iv) culinária, com referências aos sabores e às ricas gastronomias portuguesa, macaense e chinesa;
- (v) templos e monumentos;
- (vi) descrição das habitações (incluindo recheio e decoração interior) das diferentes classes sociais portuguesas, macaenses e chinesas;
- (vii) tipos de transportes, incluindo embarcações civis e militares;
- (viii) demografia, topónimos e delimitações geográficas da cidade e arredores;
- (ix) numismática;
- (x) onomástica, incluindo a listagem de alcunhas típicas e atribuídas a preceito;
- (xi) danças ocidentais e orientais;
- (xii) músicas e instrumentos musicais, ocidentais e orientais;
- (xiii) utensílios de uso diário, muitos deles hoje completamente desaparecidos; etc.

Sociolinguisticamente falando, as obras analisadas fornecem também importante contributo para a captação de termos linguísticos que ajudam ao entendimento de particularidades patentes no macaense, no maquista e no chinês. Sem nos delongarmos sobre este aspecto, interessará referir que Senna Fernandes, “sem um suporte geracional de escola que enquadrasse as suas opções estilísticas, como escritor macaense de origem portuguesa, percorre um caminho próprio, respondendo a curiosos, que a sua única preocupação é a de contar bem uma história, sem se distanciar da sua época”.⁴⁶ Assim, e ainda que o autor tivesse obtido a sua licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra, Portugal, são recorrentes, nos seus escritos, marcas do português de Macau, consubstanciando formas desviadas relativamente ao português europeu e que o aproximam do português vernacular de Angola ou

de Moçambique. É o que sucede, por exemplo, com o uso das preposições (exemplos [1] e [2]) ou dos clíticos (exemplos [3] e [4]):

[1] “o pai sovava na filha” (TF: 54) (o pai sovava a filha)

[2] “consequira arrastar o emérito D. Juan ou Casanova até o altar” (TF: 116) (consequira arrastar o emérito D. Juan ou Casanova até ao altar)

[3] “uma vergonha que acompanhá-lo-ia toda a vida” (TF: 64) (uma vergonha que o acompanharia toda a vida)

[4] “Àquele que duvidasse, iria ao focinho” (TF: 124) (Àquele que duvidasse, ir-lhe-ia ao focinho.)

Para além das particularidades sintácticas, é também frequente o recurso a termos específicos do macaense, alguns transitando do maquista e dos quais se poderão listar, entre outros: *boncô* (corcunda); *ir para S. Miguel*⁴⁷ (morrer); *murum* (triste, cabisbaixo, macambúzio); *sendeiro* (indivíduo que é motivo de chacota); *peco* (entrevado); *estrica* (ferro-de-engomar, de carvão e lenha); *caia* (mosquiteiro); *raspiante* (indivíduo insignificante); *olodeco* (ânus); *invejidade* (inveja); *rabo de sarangong* (rabo de papagaio);⁴⁸ *burra* (cama portátil); *té*⁴⁹ (mimosa, dengosa); *boquisar* (gabar-se).

Relativamente ao maquista, são também apresentados termos, que “torram” o português (ADP: 365), como acontece com a palavra *consultóri* (consultório).⁵⁰ Paralelamente, são feitas alusões aos preconceitos que, em concorrência com as políticas linguísticas do Estado Novo, determinaram o desaparecimento do patuá:

“Francisco [...] só falava *patois* exclusivamente com a tia; com o tio dirigia-se-lhe em português vernáculo, para não se envergonhar diante de um metropolitano, como o digníssimo funcionário da Fazenda, a todo tempo, frisava” (ADP: 20).

Ou:

“Sopraram-lhe à memória as célebres frases dum filho-da-terra trapalhão que, fugindo ao ‘patois’, quisera demonstrar falar bom e vernáculo português. Alterou o original e murmurou, em seu próprio proveito:

– Deus fiz porque Deus sei. Este o caminho que nós escolheu e nós vou” (TF: 94).

Quanto ao chinês, e independentemente do recurso a vários termos intraduzíveis para português, como acontece com os relativos à culinária, são

apontados outros, que correspondem a estrangeirismos, foneticamente adaptados ao cantonês,⁵¹ e que denunciam o fenómeno de lambdacismo, determinado pela ausência da consoante /r/ nesta língua: “ási-clim” < *ice cream*.

CONCLUSÃO

No presente trabalho, abordado que foi o tema do picaresco patente em *A Trança Feiticeira e Amor e Dedinhos de Pé*, constata-se que o mesmo se consubstancia como elemento de importância indelével para auxiliar a reconstituir a História de Macau da primeira metade do século xx. A observação das personalidades dos heróis pícaros leva-nos a considerar o picarismo como uma atitude perante a vida, mais do que um género literário definível pelo assunto ou por outros aspectos externos. Apesar de ter surgido em Espanha numa época em que a decadência social das classes se vai afastando lentamente das influências que outrora haviam detido, o estilo extravasou fronteiras, dando origem a numerosas obras, inconfundíveis, no entanto, com a novela picaresca espanhola. Com a sua geografia, as suas éticas, linguagem, genealogia e mentalidade, o *pícaro*, representante fidedigno da simbologia castelhana, acentuaria depois idiossincrasias, perdendo o carácter que assumiu nos séculos xvi e xvii, ainda que alguns escritores o tentassem recuperar posteriormente.

Sinónima de atitude de rebelião, a literatura picaresca vergasta, como poucas, o vício e a sordidez social, incursionando por temas como a pobreza e a fome, para satirizar desde os cavaleiros pretensiosos que, com vaidades ridículas ocultavam as suas misérias, até à lascívia dos clérigos e pecados das freiras, sem deixar de passar, por exemplo, pela prosápia dos escudeiros e plebe esfomeados.

Quanto às obras analisadas, mais do que a presença do *pícaro*, nelas ressalta, claramente, a preocupação da observação das três comunidades de Macau, à margem do protagonista, as quais são apreendidas através das andanças e desgraças dos heróis *senna fernandinos*. Mas não só! Em *Amor e Dedinhos de Pé*, a linhagem de Francisco Frontaria mistura sangue português, chinês e goês, enquanto Padilla “espanhol”, como a própria alcunha indica, carrega para Macau a casta espanhola e, possivelmente, também a filipina. Por seu lado, a beleza de Adozindo é reforçada pelos “olhos

esverdeados, talvez da bisavó holandesa” (TF: 9). Senna Fernandes chama assim a atenção para a observação da transculturalidade de Macau não se esgotar nas três referidas comunidades, necessitando de se ir mais além na busca daquela que será a verdadeira e genuína identidade do território.

Todavia, numa região em que os “donos” do preconceito o eram também da sociedade, o espaço de manobra para a paródia directa encontrava-se, muitas vezes, comprometido. Daí que Senna Fernandes se mostrasse também cauteloso em algumas das suas movimentações satíricas, como acontece, por exemplo, relativamente ao clero, apenas parodiado superficial e indirectamente através do “beatério” da cidade ou da falta de devoção cristã por parte da comunidade chinesa que, ainda assim, não deixa de mostrar respeito para com as manifestações de fé dos católicos, concordando até com alguns dos seus preceitos:

“A-Sôï [...] aconselhou-a a curvar-se à vontade do ‘marido’, embora reprovasse o rito estrangeiro. Havia, no entanto, vantagens. O casamento numa igreja era uma coisa muito séria, dava-lhe maiores garantias. O homem não poderia legalmente ter concubinas, enquanto à chinesa era o que se via, concubinas à vontade” (TF: 114).

Do essencial, analisado e exposto, é possível concluir que, no campo literário, as obras estão impregnadas de fragmentos picaescos de características tardias, sem filiação directa no género primeiro, mas que ajudam à elaboração de textos maiores da literatura sobre Macau e, porque não dizê-lo, da literatura em língua portuguesa. Já no plano histórico, as obras não deixam de se constituírem, elas próprias, como documentos de inquestionável valor e a merecer a atenção dos estudiosos da área (aspecto que deverá ser estendido às outras produções de Senna Fernandes), uma vez que funcionam como um vasto repositório daquilo que, de outro modo, só se encontrará acessível em colecções e informações dispersas. **RC**

Nota do Autor: Este artigo tem por base um projecto de investigação intitulado “Fragmentos picaescos na obra *senna fernandina*: contributos literários para a captação do factual da Macau antiga”.

MACAU: ARTES & LETRAS - I

NOTAS

- 1 “Quem desce a Calçada do Gaio e deseja encurtar caminho para a Rua do Campo, dobra a esquina e inevitavelmente atravessa, de lés a lés, um dedalo de vias estreitas, dominadas por um casario amontoado e incaracterístico, que constituem o ‘Cheok Chai Un’” (TF: 3). “‘Jardim dos Pássaros’, como literalmente seria traduzido, corresponde à Horta da Mitra, nome que os portugueses lhe deram, embora menos conhecido” (TF: 3, nota 1). Mas, “nem sempre foi assim. O Cheok Chai Un, com área delimitada pela Rua Nova à Guia, Rua do Brandão, Rua do Campo e pelo tardoz do Colégio de Stª Rosa de Lima, onde se erguem alguns dos restos da antiga muralha de Macau, foi até princípios dos anos 60, mais ou menos, um bairro muito típico que o progresso dilacerou.” (TF: 3).
- 2 Jardim de Vasco da Gama.
- 3 O autor parte para Portugal, a fim de dar continuidade aos seus estudos, e onde viria a concluir a licenciatura em Direito (Universidade de Coimbra) (nota nossa).
- 4 Fonger De Haan, “Pícaros y ganapanes”, p. 152.
- 5 *Ibidem*.
- 6 António Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, p. 603.
- 7 Adolfo Bonilla y San Martín, “Las mais antigas menciones de ‘gánapan’ y de ‘pícaro’”.
- 8 Matéo Alemán, *Primera parte de Guzmán de Alfarache*, p. 31.
- 9 Adolfo Bonilla y San Martín, “Las mais antigas menciones de ‘gánapan’ y de ‘pícaro’”.
- 10 Francisco Rodríguez Marín, *Rinconete y Cortadillo, novela de Miguel de Cervantes Saavedra*, p. 12.
- 11 Pedro de Urdemalas ou Pedro de Urdimalas, também conhecido como Pedro Urdemalas (México, Chile), Pedro Malasartes (Brasil), Pedro Rimalas (Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru e Venezuela), Pedro Urdimal ou Pedro Ordimán, é uma personagem folclórica, produto da tradição oral e literária espanhola, que se expandiu para a tradição latino-americana. Consolidado e imortalizado por Miguel de Cervantes na comédia *Pedro de Urdemalas*, integrada nas *Ocho comedias y ocho entremeses nuevos* (1615), trata-se de um campónio burlão, típico da literatura pícarasca.
- 12 Adolfo Bonilla y San Martín, “Las mais antigas menciones de ‘gánapan’ y de ‘pícaro’”, p. 129.
- 13 Lazarillo é o diminutivo de Lázaro e, de acordo com os estudiosos, o segundo é resgatado da Bíblia, apesar de não haver consenso quanto à figura que o inspirou: para uns, trata-se de Lázaro, irmão de Marta e de Maria, ressuscitado por Jesus, e que surge em João 11:41-44; para outros, será o mendigo que aparece em Lucas 16:19-31, solicitando esmola à porta de um homem rico. Quanto ao sobrenome Tormes, provém do rio na margem do qual Lazarillo nasceu.
- 14 O tema da mestiçagem surge na primeira novela pícaro, *La vida del Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, com o sentido de reforçar a sátira ao herói, acentuando a sua baixa social e moral, enquanto pícaro. Neste aspecto não deixa de constituir uma particularidade, deveras interessante, o facto de alguns heróis pícaros *senna fernandinos* serem também mestiços, enquanto membros da comunidade dos “filhos-da-terra”. Contudo, “a união de duas almas, de formação e cultura tão diferentes, não devia constituir surpresa para ninguém. É Macau” (TF: 172), sendo a miscigenação, à luz dos conceitos contemporâneos, como bem o revela o autor, encarada como riqueza social e etno-linguística: “Tónia, [...] mais tímida, escondeu-se entre as pernas do pai. Aurélio debruçou-se para o rostinho formosíssimo, em que os traços europeus e chineses se misturavam em pujante harmonia.[...]”
– Eles falam português?
– Falam comigo em português e com a mãe em chinês” (TF: 174).
- 15 João Palma-Ferreira, *Do Pícaro na Literatura Portuguesa*, p. 13.
- 16 *Ibidem*, pp. 14-15.
- 17 *As Obras do Diabinho da Mão Furada* apenas seriam publicadas no século XIX, sendo atribuídas por alguns estudiosos a António José da Silva, o Judeu, enquanto outros optam por apontar Pedro José da Fonseca como seu autor. Contudo, não há certezas quanto à verdadeira autoria dos escritos.
- 18 Autêntico monumento da prosa barroca, a *Arte de Furtar* é hoje predominantemente atribuída ao jesuíta Pe. Manuel da Costa (1601-1667). A sua redacção ocorreu, como se depreende do próprio texto, em 1652. O manuscrito manteve-se inédito durante mais de noventa anos, apesar de terem surgido algumas cópias do mesmo, como aconteceu com a sua edição *princeps*, sob o título *Arte de Furtar, espelho de enganar, theatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazua geral dos reynos de Portugal. Offerecida a Elrey Nosso Senhor D. João IV para que a emende e falsamente atribuída ao Pe. António Vieira*. A primeira impressão do original aconteceria em 1743 ou 1744, em Lisboa, pela mão de um livreiro genovês, João Baptista Lerzo, que possuía uma tipografia no sítio do Loreto, actual Largo de Camões.
- 19 António José Saraiva, *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. 2, p. 37.
- 20 João Palma-Ferreira, *Do Pícaro na Literatura Portuguesa*, pp. 17-18.
- 21 *Ibidem*, p. 7.
- 22 René Wellek, “What is Literature?”, pp. 17-18.
- 23 Para informações mais pormenorizadas sobre as intencões contra o pirata Cam Pou Sai, consulte-se Leonel Barros, “Os temíveis irmãos piratas”, in *Memórias Náuticas. Macau*, pp. 13-16.
- 24 Consulte-se também Leonel Barros, “Éxodo de macaenses”, in *Tradições Populares. Macau*, p. 69.
- 25 Em *A Traça Feiticeira* (p. 114, nota 1) e *Amor e Dedinhos de Pé* (p. 290, nota de rodapé), o autor atribui, erroneamente, o termo “cristão-novo” à gíria macaense, ao referir-se a chineses pagãos que abraçavam o catolicismo. De facto, o termo existe também no português europeu e advém da conversão ao catolicismo por parte dos judeus, e que determinaria que D. Manuel I solicitasse a instituição da Inquisição em Portugal para combater o sincretismo dos falsos convertidos, facto que ocorreria em 23 de Maio de 1536.
- 26 A mendicidade foi, ao longo dos séculos, uma das maiores pragas de Lisboa e Portugal, a que não raros viajantes estrangeiros se referiam. Aliás todos os cronistas de Lisboa descrevem o aspecto deplorável da cidade até quase finais do século XIX. Para o estudo do processo de mendicidade desta época são importantes o decreto de 1700 e os novos decretos de 1835, 1836, 1837 e 1839; em 1867 (o governo tornaria extensivo a todo o distrito administrativo de Lisboa as disposições repressivas da mendicidade estabelecidas pelo decreto de 14 de Abril de 1836 e criaria o asilo de D.ª Maria Pia, em Xabregas, com duas secções: Casa de Asilo e Casa de Detenção e Correccção); a fundação da Casa Pia (destinada a crianças em perigo moral), em 1780; o decreto de 18 de Janeiro de 1780, ampliando os poderes de Pina Manique de modo a permitir-lhe o saneamento de Lisboa; os editais de 17 de Maio de 1780, expulsando ciganos e indigentes; a determinação da fiscalização sanitária das meretrizes, em 1781; a limitação da proliferação de vendedores ambulantes, em 1785; a criação da “Casa da Estopa” (reclusão de mulheres). Como bibliografia aconselhada indicam-se, entre outras, as seguintes obras: António Correia Vianna, *Espelho de delinquentes, e vozes do desengano. Na christã conformidade da morte, que foi observada em Anna Joaquina Rosa, ultimamente justificada por culpas de furto no patíbulo do sítio da Cruz de quatro Caminhos, da cidade de Lisboa em 29 de Março 1764*. Lisboa, 1764; Dom Fernando de Sousa e Silva, *Relação universal das pessoas pobres recolhidas e bem morigeradas que moram nas paróquias*

- desta cidade*, Lisboa, 1780; Francisco Ferraz de Macedo, *Os Mendigos Criminosos (Notas para uma Monografia). Esboço Concreto Sociológico Segundo os Preceitos Modernos*. Lisboa: Pap. Palhares 1903; Mendes Correia, *Os Criminosos Portugueses: Estudo de Antropologia Criminal*, 2.^a ed. Coimbra: F. França Amado, 1914.
- 27 Em sequência da Segunda Guerra Mundial, morrem nas ruas de Macau, em 1943, “por inanição ou desinteria, cerca de 100 refugiados acabados de chegar, por dia” (*Ditema – Dicionário Temático de Macau*, vol. 1, p. xxxi). Para mais informações sobre a pobreza e tempos de austeridade no território, consulte-se Leonor Diaz de Seabra, “A mulher na Misericórdia de Macau”, pp. 605-617; idem, *A Misericórdia de Macau (Séculos XVI a XIX). Irmandade, Poder e Caridade na Idade do Comércio*; Leonel Barros, “Refugiados”, in *Memórias do Oriente em Guerra. Macau*, pp. 57-69; idem, “Tempos difíceis”, *ibidem*, pp. 71-86; idem, “Racionamento”, *ibidem*, pp. 87-96.
- 28 J. P. Oliveira Martins, *História de Portugal*, p. 39.
- 29 Para uma informação mais detalhada acerca dos produtos da farmacopeia dos mestres-curandeiros, incluindo os afrodisíacos, aconselha-se a leitura de Leonel Barros, “Farmácia chinesa”, in *Tradições Populares. Macau*, pp. 33-34; Rui Manuel Loureiro, “Drogas asiáticas e práticas médicas nas “Relaciones de Pedro Teixeira (Antuérpia, 1610)”, pp. 24-41; Rui d’Ávila Lourido, “Produtos medicinais e aromáticos”, in *Ditema – Dicionário Temático de Macau*, no prelo. No que concerne ao sigilo da farmacopeia dos mestres-curandeiros, consulte-se Leonel Barros, “Farmácia chinesa”, in *Tradições Populares. Macau*, pp. 33-34.
- 30 Mais informações sobre a venda ambulante de comida podem ser encontradas em Leonel Barros, “Tascas ambulantes”, in *ibidem*, p. 24.
- 31 “Massa chinesa” (TF: 119, nota 2).
- 32 Mais informações acerca dos “tintins” podem ser consultadas em Leonel Barros, “Tin-tins”, in *Tradições Populares. Macau*, p. 25.
- 33 Consulte-se também informação relativa ao teatro de sombras em Leonel Barros, “Teatro de sombras”, in *ibidem*, pp. 41-42.
- 34 Informações pormenorizadas sobre o “fong-sôï” poderão ser encontradas em Leonel Barros, “Fõng sõi”, in *Templos, Lendas e Rituais. Macau*, pp. 77-78.
- 35 Informações detalhadas sobre a actividade dos advinhos podem ser consultadas em Leonel Barros, “Adivinhos”, in *Tradições Populares. Macau*, pp. 26-27.
- 36 Prostitutas de luxo, que atendiam os clientes nas casas destes ou em bordéis da Rua da Felicidade.
- 37 Prostitutas de baixa condição social, que exerciam actividade nas vielas ou “nas espeluncas do Beco da Rosa” (ADP: 63).
- 38 “Antiga designação de restaurante chinês” (TF: 108, nota 1). A expressão encontra-se, actualmente, em desuso (ADP: 343, nota de rodapé).
- 39 Tasca.
- 40 Informações mais detalhadas sobre as actividades de penhora podem ser consultadas em Leonel Barros, “Torres prestamistas”, in *Tradições Populares. Macau*, pp. 43-44.
- 41 Para mais pormenores sobre o fabrico de panchões e pivetes, veja-se Leonel Barros, “Fabrico de panchões”, in *ibidem*, pp. 28-30.
- 42 Para informações sobre o Templo de Tou Tei, veja-se Leonel Barros, “Templo de Tou Tei”, in *Templos, Lendas e Rituais. Macau*, pp. 23-24.
- 43 Casas de chá (ADP: 77). Para mais detalhes sobre as casas de chá, consulte-se Leonel Barros, “Casas de chá”, in *Tradições Populares. Macau*, pp. 22-23.
- 44 Para informações pormenorizadas sobre muitos dos jogos e diversões a que alude Senna Fernandes, poder-se-á consultar, entre outros: Leonel Barros, “Apostas”, in *ibidem*, pp. 31-32; Carla Araújo, “Jogos tradicionais de Macau”, in *Ditema – Dicionário Temático de Macau*, no prelo; Luís Andrade de Sá, “Jogo em Macau”, *ibidem*.
- 45 Em *A Trança Feiticeira* (pp. 144-145), Senna Fernandes descreve pormenorizadamente o jogo da “chiquia”, uma espécie de peteca praticada com destreza pelos rapazitos pobres. Na mesma obra, o autor dedica o capítulo 31 (pp. 173-177) aos papagaios de papel (*sarangong*, no patuá macaense – TF: 173, nota de fim de página), descrevendo os tipos existentes e as partes e materiais que os compunham. Também é minuciosamente relatado um duelo de “corta-corta”, podendo o leitor ter uma noção acerca do tipo de manobras efectuadas e respectivas designações. Mais informações sobre papagaios de papel poderão ser encontradas em: Leonel Barros, “Papagaios de papel”, in *Tradições Populares. Macau*, p. 35.
- 46 Lúcia Lemos, “Nota introdutória”.
- 47 “Referência ao cemitério de S. Miguel Arcanjo” (TF: 168, nota 2).
- 48 O autor refere-se às tranças das raparigas chinesas, comparando o seu “serpentear” ao das caudas dos papagaios de papel.
- 49 “A palavra *té* é genuinamente cantonense, sem tradução para o português” (TF: 158, nota 1).
- 50 Em *A Trança Feiticeira* (p. 117), por exemplo, Senna Fernandes chega mesmo a incluir trechos de diálogos em patuá, com a respectiva tradução em notas de rodapé.
- 51 “A-Leng [...] achinesava os sons portugueses, por incapacidade de emití-los sem sotaque, e, entre marido e mulher, os vocábulos portugueses misturavam-se com os chineses, sem esforço, inconscientemente” (TF: 134).

MACAU: ARTES & LETRAS - I

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, A. Martins. *Curso de História da Civilização Portuguesa*, 7.^a ed. Porto: Porto Editora, 1960.
- Alemán, Matéo. *Primera parte de Guzmán de Alfarache*. Madrid: Várez de Castro, 1559.
- . *Segunda parte de la vida de Guzmán de Alfarache, atalaya de la vida humana*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1604.
- Anónimo. *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004 [1551].
- Barros, Leonel. *Memórias Náuticas. Macau*. Macau: Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), 2003.
- . *Templos, Lendas e Rituais. Macau*. Macau: APIM, 2003.
- . *Tradições Populares. Macau*. Macau: APIM, 2003.
- . *Memórias do Oriente em Guerra*. Macau: APIM, 2006.
- . *Homens Ilustres e Benfeitores de Macau*. Macau: APIM, 2007.
- . *Macau, Coisas da Terra e do Céu*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude de Macau, 1999.
- Bleiberg, Germán (dir.). *Diccionario de historia de España*, 2.^a ed., 3 vols. Madrid: Alianza Editorial, SA, 1981 [1968].
- Borges, Emília Salvado e Benedicta M. Duque Vieira. *História 10*, vol. 2. Lisboa: Editorial O Livro, 1995.
- Botoso, Altamir. “A picaresca espanhola e o romance brasileiro da malandragem” [em linha]. *Diálogo e Interação*, vol. 3 (2010). Disponível em: <http://www.facrei.edu.br/gc/anexos/diartigos46.pdf>.
- Casas, Cristóbal de las. *Vocabulario de las lenguas toscana y castellana*. Sevilla: Francisco Aguilar, 1570.
- Cavalheiro, Jorge. “A festividade do ano lunar”, in *Clube Militar de Macau, Vamos Descobrir Macau*. Macau: Clube Militar de Macau, 1993.
- Covarrubias Oroco, Sebastián de. *Tesoro de la lengua castellana, o española*. Madrid: Luis Sanchez, 1611.
- Cruz, Maria Leonor Garcia da. *Gil Vicente e a Sociedade Portuguesa de Quinhentos*. Lisboa: Gradiva, 1990.
- Cunha, António Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2.^a ed., 4.^a impressão. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1991 [1982].
- De Haan, Fonger. “Pícaros y ganapanes”, in *Victoriano Suárez* (org.), *Homenaje á Ménendez y Pelayo*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1899, t. 2, pp. 149-190
- . *An Outline of the History of the Novela Picaresca in Spain*. Nova Iorque/Haia: M. Nijhoff. Dissertação de doutoramento, 1903.
- Ditema – Dicionário Temático de Macau*, vol. 1. Direcção de Rui Martins. Macau: Universidade de Macau/Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau 2010.
- Ferreira, José dos Santos. *Macau di Tempo Antigo (Poesia e Prosa), Dialecto Macaense*. Macau: Edição do autor, 1985.
- Ferreira, Maria João Salvador dos Santos. *O Meu Livro de Cozinha*. Macau: APIM, 2007.
- González, Estebanillo. *La vida y hechos de Estebanillo González, hombre de buen humor, compuesta por él mismo*. Amberes: Viuda de Juan Cnobbart, 1646.
- Herculano, Alexandre. “Viagem do cardeal Alexandrino (1571)”, in Alexandre Herculano, *Opúsculos*, vol. 4. Lisboa: Ed. Presença, 1985, pp. 347-358.
- . “Viagem a Portugal dos cavaleiros Tron e Lippoman (1571)”, in Alexandre Herculano, *Opúsculos*, vol. 4. Lisboa: Ed. Presença, 1985, pp. 365-368.
- Körting, Gustav. *Lateinisch-romanisches Wörterbuch (etymologisches Wörterbuch der romanischen Hauptsprachen)*, 3. aufl. Nova Iorque: G. E. Stechert, 1923.
- Lanciani, Giulia. *Sucessos e Naufrágios das Naus Portuguesas. Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1997.
- Lemos, Lúcia. “Nota introdutória”, in Lúcia Lemos e Yao Jingming, *O Olhar de Senna Fernandes. Fragmentos*. Macau: Instituto Internacional de Macau/Fundação Jorge Álvares, 2004.
- Loureiro, Rui Manuel. “Drogas asiáticas e práticas médicas nas Relaciones de Pedro Teixeira (Antuérpia, 1610)”. *Revista de Cultura/Review of Culture*, n.º 32 (2009), pp. 24-41.
- Marín, Francisco Rodríguez. *Rinconete y Cortadillo, novela de Miguel de Cervantes Saavedra. Edición crítica por Francisco Rodríguez Marín. Obra honrada con el premio, en certamen público extraordinario, por votación unánime de la Real Academia Española é impresa á sus expensas. Editio princeps*. Sevilla: Tipografía de Francisco de P. Díaz, 1905.
- Marques, H. Oliveira. “Uma descrição de Portugal – Retrato e reverso do Reino de Portugal (1578-1580)”, in H. Oliveira Marques, *Portugal Quinhentista. Ensaios*. Lisboa: Quetzal, 1987, pp. 127-245.
- Martinez-Espinel, Vicente Gómez. *Relaciones de la vida del escudero Marcos de Obregón*. Madrid: Juan de la Cuesta, 1618.
- Martins, J. P. Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), 1988.
- Mattoso, José (dir.). *História de Portugal*, vol. 4. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1993.
- Medina, João (dir.). *História de Portugal*, vols. 6 e 7. Alfragide: Ediclube, 1993.
- Menéndez Pidal, Ramón. *História de España*, vols. 19 a 26. Madrid: Espasa-Calpe, SA, 1989.
- Menezes, Salvato Teles de. *Literatura*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.
- Mesa, Carlos Eduardo. *Divagaciones sobre la literatura picaresca*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1971.
- Morel-Fatio, Alfred Paul Victor. “Recherches sur Lazarillo de Tormes”. *Études sur l’Espagne*, 1.^a série, 2 (1888), pp. 112-170.
- Osório, João de Castro. *O Além-Mar na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Nova Arrancada, 1998.
- Paiva, Filipe Emílio de. *Um Marinheiro em Macau (1903). Álbum de Viagem*. Macau: Museu Marítimo de Macau, 1997.
- Palma-Ferreira, João. *Do Pícaro na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981.
- Quevedo, Francisco de. *Historia de la vida del Buscón, llamado Don Pablos, ejemplo de vagabundos y espejo de tacaños*. Barcelona: Toray, 1965 [1626].
- Rodrigues, António Augusto Simões (dir.). *História Comparada. Portugal, Europa e o Mundo*, 2 vols. Lisboa: Temas e Debates, 1997.
- (coord.). *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1994.

MACAO: ARTS & LETTERS - I

- Rojas, Fernando de. *La Celestina*. Madrid: Editorial EDAF, 1979 [1499].
- Rojo, Enrique González. *Obras completas: versos y prosa, 1918-1938*. México/Buenos Aires: Editorial Siglo XXI, 2002 [1987].
- Rosal, Francisco del Aguilar. *Diccionario etimológico (alfabeto primeiro de origem e etimologia de todos los vocablos originales de la lengua castellana)*. Edição facsimilada de E. Gómez Aguado. Madrid: CSIC, 1992 [1601-1611].
- Sampaio, Albino Forjaz. *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vols. 1 e 2. Lisboa: Bertrand, 1929-1942.
- San Martín, Adolfo Bonilla y. “Las mais antigas menciones de ‘gánapan’ y de ‘pícaro’”. *Revista Crítica Hispano-Americana*, 1 (1915), pp. 42-67.
- . *Cervantes y su obra*. Charleston, SC: BiblioBazaar, 2009 [1916].
- Saraiva, António José. *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. 2. Lisboa: Gradiva, 1995.
- e Lopes, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*, 17.^a ed. Porto: Porto Editora, 1996 [1966].
- Saraiva, José Hermano e Guerra, Maria Luísa. *Diário da História de Portugal*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1998.
- Seabra, Leonor Diaz de. *O Compromisso da Misericórdia de Macau de 1893*. Macau: Universidade de Macau, 2004.
- . *A Misericórdia de Macau (Séculos XVI a XIX). Irmandade, Poder e Caridade na Idade do Comércio*. Macau: Universidade de Macau/Universidade do Porto, 2011.
- . “A mulher na Misericórdia de Macau”, in *Administração. Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 76 (2007), pp. 605-617.
- Senna Fernandes, Henrique de. *A Trança Feiticeira*. Macau: Fundação Oriente, 1993.
- . *Amor e Dedinhos de Pé*, 4.^a ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994 [1986].
- Sérgio, António. *Breve Interpretação da História de Portugal*, 12.^a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1985 [1972].
- . *Obras Completas. Ensaios*, t. 8. Lisboa: Sá da Costa, 1974.
- Sérgio, Vanessa. Entrevista de David Brookshaw [em linha]. *Plural Pluriel - Revue des Cultures de Langue Portugaise*, 3 (2006): *Textes et Documents*. Disponível em: http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=161:numero-3-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57
- Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*, vols. 4, 5 e 6. Lisboa: Ed. Verbo, 1979-1982.
- . *Portugal e o Mundo nos Séculos XII a XVI*. Lisboa: Ed. Verbo, 1994.
- Serrão, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*, vols. 1, 2, 3 e 4. Porto: Iniciativas Editoriais, [s.d.].
- Silva, António Manuel Policarpo da Silva. *O Piolho Viajante. Divididas as Viagens em Mil e Uma Carapuças*. Lisboa: Estúdios Cor, 1973.
- Silva, Luiz Augusto Rebello da. *História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII*, vols. 1 a 5. Lisboa: INCM, 1860.
- Silva, Vítor Manuel Aguiar e. *Teoria da Literatura*, 19.^a reimpressão, 8.^a ed. Coimbra: Liv. Almedina, 2011.
- Trullemans, Ulla M. *Huellas de la picaresca en Portugal*. Madrid: Instituto Ibero-Americano Gotemburgo, 1968.
- Wellek, René. “What is Literature?”, in Paul Hernadi (org.), *What is Literature?* Indiana: Indiana University Press, 1978, pp. 16-23.
- Wellek, René e Warren, Austin. *Teoria da Literatura*, 4.^a ed. Mem Martins: Publicações Europa América, 1982.